

# HISTÓRIAS DE VIDA E FATORES SÓCIO-ECONÔMICOS DOS INDIVÍDUOS DO HIP HOP: ELEMENTOS QUE CONTAM AS NARRATIVAS IDENTITÁRIAS DE SEU TRABALHO

Danielle de Araújo Bispo (UFP)

Débora Coutinho Paschoal (UFP)

Mariana Fernandes da Cunha Loureiro Amorim (UFP)

## 1. Introdução

De origem jamaicana, o termo *Hip Hop* é associado ao DJ Afrika Bambaataa, que chegou a Nova Iorque em meados dos anos 60, quando os movimentos sociais por direitos civis e igualdade racial estavam em seu auge. A expressão consiste na junção de duas gírias utilizadas pela juventude da época: *Hip* refere-se a pular, saltar; e *hop*, refere-se a movimentar os quadris. Entretanto, a expressão significa muito mais do que saltar mexendo os quadris, carrega a idéia de inserir-se, de evitar a exclusão (QUEIROZ, 2008).

Pode-se descrever o *Hip Hop* como uma cultura de rua, desenvolvida através da modalidade plástica, da cênica e da fonética. A primeira remete à pintura em muros realizada pelos grafiteiros; a segunda, à dança de rua e à mímica dos dançarinos de *break*; a última, por sua vez, é caracterizada pela poesia vocal dos Mestres de Cerimônia (MC's) e pela vertente musical dos DJ's (QUEIROZ, 2008).

Para entender melhor essa cultura, não se pode deixar de mencionar suas heranças africanas. As próprias músicas, ou *rap music*, cantadas pelo MC têm origem em estilos de músicas afro-americanas como o *Spirituals*, o *Blues* e o *Jazz*. O *Spirituals* é um tipo de canção popular religiosa afro-americana que surgiu durante a escravidão e cresceu nos anos da libertação. Quando os *rappers* falam em vencer dificuldades e encontrar a liberdade, estão se remetendo ao *Spirituals*. Já o *Blues* surgiu no século XX e seu conteúdo aborda temáticas como o medo, a desgraça. Os MC's geralmente expressam esses sentimentos com humor. O *Jazz*, que também surgiu no século XX, tem como característica principal a improvisação. Quando os *rappers* improvisam, eles podem abordar a mesma idéia de forma diferente (MARTINS, 2005).

Apesar da proposta crítica que apresenta, o *Hip Hop* tem se realizado para além da reivindicação, tornando-se uma forma de viver a vida e de sustento para muitos indivíduos.

Barreto (2004, p. 87) comenta essa dimensão econômica quando apresenta o depoimento de um integrante do Movimento, publicado no jornal *Estação Hip Hop*, de São Paulo:

Eu estou vindo de uma maneira positiva porque o movimento está crescendo. Os grupos estão se profissionalizando e encarando o *Hip Hop* como ele deve ser encarado, ou seja, como música, na parte do talento e como negócio também. Tipo a administração de uma empresa. Não me venha falar que o *Hip Hop* é apenas um movimento cultural que não é só isso. É um comércio também. As pessoas compram roupas, discos, shows [...].

Embora o depoimento descrito demonstre a utilização do modelo empresarial como referência básica, na realidade de outros indivíduos envolvidos com o Movimento, pode-se observar uma resistência a esta lógica econômica. Foi em Recife que Galo, grafiteiro da cidade, junto com outros grupos de *Hip Hop*, deu origem ao Mutirão do Grafite, uma ação de pintura e diálogo nas comunidades. O Mutirão facilitou a construção da Rede de Resistência Solidária, em 2005: “Nosso ponto de partida é a mobilização. Fortalecemos o que cada um produz: música, roupa, pintura, alimento... E tudo vai sendo trocado entre nós”, explica Galo<sup>1</sup>.

A Rede é um meio de questionamento e crítica social. Muitos indivíduos que dela participam tiram seu sustento dos trabalhos culturais que desenvolvem. Nela, a própria forma como o trabalho é realizado já pode ser considerada como uma prática de resistência ao processo de mercantilização, uma vez que “a Rede está unindo forças de pessoas e coletivos já ativos socialmente que pensam outras formas de relações humanas e de trabalho” (GUIMARÃES, 2007, p. 109). Na Revista *Salve S/A*<sup>2</sup> é possível encontrar uma passagem de autoria de Galo de Souza e Carol Sena (2009, p. 16), que confirma essa resistência:

Andando pela cidade, vemos *outdoors* e propagandas de todos os mercados de consumo [...] O ‘produto’, um sonho impossível para o cidadão de baixa renda, alimenta a ilusão do sonho de consumo. [...] Consumidores que compram e se matam para obter os produtos que pagam à liberdade da elite. Mas os grafiteiros [...] são a expressão livre, que longe das mãos do sistema, podem dizer algo [...] para mostrar outras possibilidades de romper a prisão em nossa comunidade.

Assim, parte-se do pressuposto que existem alternativas à organização do trabalho formal, como no caso das atividades enquadradas no âmbito da cultura. Desse modo, indivíduos que atuam no Movimento *Hip Hop* possuem práticas organizativas diferenciadas e que se refletem na forma como o trabalho é feito e valorizado.

<sup>1</sup> Disponível em: <<http://imagazine.sapo.pt/hiphoppt/texto.html>>. Acesso em: 31 mar 2009.

<sup>2</sup> Primeira revista da Rede de Resistência Solidária, lançada no mês de fevereiro de 2010, na Livraria Cultura, em Recife.

No intuito de revelar que outras possibilidades para o trabalho são possíveis, para além da lógica econômica, este artigo objetivou compreender as narrativas identitárias de Galo e Pixote, informantes-chave que atuam no âmbito do Movimento, a partir dos *ethos* desenvolvidos por Bendassolli (2007) acerca do trabalho e da identidade na sociedade contemporânea. Para compreender a dimensão que esses indivíduos concedem ao seu trabalho incluíram-se na análise fatores contextuais que também influenciam suas opções para a escolha de um trabalho social, mas que não podem ser considerados sozinhos definidores de suas escolhas.

É importante ressaltar que a opção de trabalho dessas pessoas não pôde ser compreendida a partir da influência excludente ou de fatores relacionados ao contexto sócio-econômico ou das vontades e opções intencionais que elas, enquanto atores sociais, possuem. O olhar que orientou esta pesquisa foi, portanto, de que os indivíduos são produzidos dentro de um “espaço sócio-mental” recíproco, onde há “a hipótese de uma dupla gênese social e psicológica e de uma modelagem recíproca das estruturas sociais e psicológicas” (PAGÈS et al, 1993, p. 40).

As seções que seguem objetivam fazer um apanhado geral sobre a história do trabalho e posteriormente sobre a construção da subjetividade dos indivíduos a partir do mesmo.

## **2. Breve introdução à categoria trabalho**

Para entendimento do trabalho, as contribuições de Karl Marx são consideradas altamente significativas, na medida em que sua compreensão reconhece-o como categoria fundamental das relações humanas. Este importante filósofo afirma que o trabalho foi sendo construído nas diferentes comunidades, desde as primitivas até as mais evoluídas, e que vários processos históricos antecedem o modo de produção capitalista, mas que não existe um modo de produção que termine para outro iniciar: os processos sociais são sempre mediados entre o velho e o novo (MARX, 2006).

Assim no decorrer da história da sociedade, o trabalho assumiu diversas definições, estruturando as relações sociais. Por isso, alguns autores enfatizam a importância de estudá-lo a partir de cada contexto histórico (OLIVEIRA, 1991), mas sem desconsiderar que alguns elementos que caracterizam cada contexto não são apenas inerentes àquele momento, eles também acabam permanecendo em outros modos de produção.

A definição de trabalho trazida por Antunes (2003, p. 167) considera-o como uma categoria fundante do ser social: “fonte *originária, primária*, de realização do ser social,

*protoforma da atividade humana*, fundamento ontológico básico da omnilateralidade humana” (grifos do autor). Essa definição enfatiza que é através do trabalho que os homens estabelecem relações sociais uns com os outros, com o objetivo de satisfazer suas necessidades.

Para os antigos gregos, o trabalho produtivo ocupava um lugar secundário, não sendo associado a nenhum valor ou virtude moral. Os homens deveriam viver o ócio, como filósofos e políticos, ficando entregues a contemplação (ALBORNOZ, 2008). Já na Idade Média, o trabalho aparece como consequência do pecado, mas também está a serviço da caridade, da saúde do corpo e da alma (TILGHER; MILLS apud BENDASSOLII, 2007, p. 44). No Renascimento, o trabalho era considerado a oportunidade de o homem realizar obras que refletiam sua própria alma, sendo importante o produto da criação e não motivos exteriores ao trabalho (BENDASSOLLI, 2007).

Foi o protestantismo que fomentou a importância do trabalho individual como forma de se alcançar a salvação (BENDASSOLI, 2007). Para Calvino, por exemplo, é vontade de Deus que todos trabalhem e que alguns tenham êxito e outros não (ALBORNOZ, 2008).

No capitalismo, ocorre a separação do trabalhador dos meios de produção, o qual é obrigado a vender sua força de trabalho como uma mercadoria para sobreviver. O controle do trabalho e dos meios de produção passa a ser concentrado nas mãos da burguesia, mas o progresso econômico dessa classe não é acompanhado pelo progresso social e o proletariado surge com o desenvolvimento da indústria (OLIVEIRA, 1991).

Independente de como foi e é entendido, é notável a importância do trabalho para o sustento dos indivíduos. Portanto, o trabalho é considerado como algo que vai além da subsistência, pois “é também pelo trabalho que os sujeitos se reconhecem como agentes sociais moralmente aceitáveis” (ORGANISTA, 2006, p. 21).

Apesar disso, alguns autores acreditam que as várias mudanças ocorridas nas forças produtivas, no mundo do trabalho atual, estão ocasionando o fim da centralidade do trabalho, pois cada vez mais o desemprego está aumentando e a sociedade se depara com a falta de espaço para absorver os indivíduos (ORGANISTA, 2006). Paul Singer (apud ALBORNOZ, 2008) explica que o emprego é entendido como um recurso de acesso à renda e ao consumo e não, principalmente, ao desempenho de uma atividade.

Após estes conceitos introdutórios, a seguir são apresentadas discussões sobre o trabalho e a construção da subjetividade dos indivíduos na sociedade atual.

### 3. Trabalho e identidade no contexto pós-moderno: os *Ethos* de Bendassolli

Bendassolli (2007) é autor do livro *Trabalho e identidade em tempos sombrios* cujo objetivo é explorar a situação do trabalho na pós-modernidade, considerada como época das incertezas.

Sobre a morte do trabalho, o autor se coloca, ao mesmo tempo, a favor e contra. Na posição de adepto, justifica as mudanças no campo das instituições e suas consequências para o trabalho: substituição do trabalho humano pelo trabalho realizado pelas máquinas, falência progressiva do Estado subsidiário que transfere aos indivíduos a responsabilidade de cuidar da própria empregabilidade. Mas também é contra a morte do trabalho, pois acredita que ele sempre foi importante quer seja como fonte para obtenção de renda e via de acesso ao consumo, quer seja em relação à construção da subjetividade dos indivíduos (BENDASSOLLI, 2007).

Entretanto, os vários sentidos que o trabalho assumiu ao longo da história, particularmente na pós-modernidade, fizeram com que a identidade dos indivíduos não se definisse apenas pelo trabalho: “é como se o trabalho deixasse de ser a única objetivação possível para o ser, sua única – ou mais privilegiada – forma de revelação” (BENDASSOLLI, 2007, p.22).

Sobre o enfraquecimento da relação trabalho-identidade, é necessário antes explicar o significado de identidade construído no contexto moderno, caracterizado pela idéia de pleno emprego:

[...] a noção de identidade foi forjada essencialmente no campo das ciências sociais, notadamente pela psicologia e sociologia para explicar os fenômenos contingentes e empíricos, com os quais essas ciências haviam de se ocupar. Entretanto, tais ciências construíram seu conceito de identidade à luz dos princípios metafísicos do sujeito moderno, sobretudo nos de continuidade, permanência e fundamentação – quer dizer, insistindo na ‘necessidade’ de elementos e referenciais sólidos nos quais basear a identidade (e, como vimos, esse papel foi preenchido pelo trabalho durante quase dois séculos) (BENDASSOLLI, 2007, p.214, grifos do autor).

O *sujeito moderno* de que trata o trecho acima é o trabalho. Ele era responsável por oferecer, na modernidade, uma *metanarrativa* social sobre seu valor e sentido, tanto para os indivíduos quanto para as instituições. Assim, os indivíduos se tornavam quem eles eram baseando-se no que era divulgado pelo sujeito, pelo trabalho, pela metanarrativa que fornecia. Somers e Gibson (apud BENDASSOLLI, 2007) explicam que as metanarrativas consistem em grandes esquemas conceituais abstratos, tais como o Progresso, a

Modernidade, a Pós-Modernidade, que visam ligar as narrativas conceituais e os atores sociais.

Quando o Sujeito é desmontado, na segunda metade do século XX, devido às mudanças mencionadas anteriormente, a identidade torna-se plural, ou seja, os indivíduos não definem sua identidade baseando-se no ideal divulgado por um único sujeito dominante. Essa desmontagem se dá em duas dimensões: (i) objetiva, quando os modelos de trabalho instituídos são revistos; e (ii) subjetiva, quando ocorre a crítica à filosofia do sujeito e ao seu modelo de subjetividade. “Na medida em que o trabalho não é mais um ‘sujeito’, cabe aos indivíduos a tarefa de coletar os sentidos capazes de justificar o valor do trabalho em suas vidas [...]” (BENDASSOLLI, 2007, p. 232, grifos do autor). Assim, na pós-modernidade, o trabalho torna-se apenas mais uma narrativa e sua relação com a identidade é enfraquecida.

Bendassolli (2007) define a identidade do indivíduo como uma *narrativa* que ele constrói ao longo da vida e que tem por finalidade fornecer uma linguagem coerente a partir da qual ele possa construir e organizar o sentido de sua existência no tempo-espaço. O autor apresenta cinco narrativas públicas que chama de *ethos*: moral-disciplinar, romântico-expressivo, instrumental, consumista e gerencialista. Os *ethos* permitem que os indivíduos expliquem e construam suas identidades tomando como base uma dessas narrativas identitárias ou mesmo mais de uma.

O *ethos* moral-disciplinar considera o trabalho como ocupação relevante socialmente, um papel que deve ser desempenhado pelo indivíduo, uma atividade pública que deve ser realizada independente de trazer prazer ou não. Explica o autor:

[...] a identidade não está associada ao trabalho, não no sentido de identidade íntima, o verdadeiro eu do indivíduo. Mas o trabalho é um papel social que deve ser cumprido e, nesse sentido, o indivíduo que o realiza aparece aos olhos dos demais como um ‘bom homem’ ou uma ‘boa mulher’ que está fazendo nada mais do que sua obrigação. O espaço da identidade ficaria então reservado a outras áreas da vida, como a família. (BENDASSOLLI, 2007, p. 236, grifos do autor).

O *ethos* romântico-expressivo entende o trabalho como um fim em si mesmo, não sendo reconhecido pelo salário, mas sim pelo que foi realizado. “[...] nesse *ethos* o trabalho é importante para a definição da identidade na medida em que ele é, por assim dizer, a identidade-em-construção, em plena atividade” (BENDASSOLLI, 2007, p. 237). Entretanto, atualmente, os indivíduos nem sempre se dedicam a um dom, uma vez que são influenciados a realizar seu trabalho, sua atividade, visando primeiramente o salário, pra que possam se enquadrar no padrão de consumo propagado atualmente.

No *ethos* instrumental, o trabalho é tido como emprego, submetido à lógica do sistema capitalista, não sendo uma certeza, mas um vínculo instável.

[...] não são valorizadas ou focadas suas características subjetivas [do trabalho], como percepção sobre seu sentido, seu valor ou importância do ponto de vista dos indivíduos envolvidos; tampouco se preza aqui sua associação com a identidade (BENDASSOLLI, 2007, p. 238).

Em relação ao *ethos* consumista, o trabalho é visto como meio para obtenção de satisfação: “alguém trabalha por si mesmo e por seus ideais, e não por uma ética coletiva ou ideal coletivo (BENDASSOLLI, 2007, p. 246-247).

Por fim, o *ethos* gerencialista está ligado aos discursos do *management* que propaga que o indivíduo não deve mais buscar empregos. *Indivíduo Você S.a.* é uma crença desse *ethos* e afirma que “o trabalho, a carreira, o sucesso bem como o fracasso, tudo depende do próprio indivíduo, que tem de se ver como uma empresa, como um empreendedor de si mesmo” (BENDASSOLLI, 2007, p. 252-253).

Portanto, os indivíduos, para construção da identidade, baseiam-se em mais de um desses *ethos* ou são a eles expostos. Assim, os *ethos* assumem a responsabilidade de oferecer uma rede de valores que permitam aos indivíduos fazer uma imagem coerente de si mesmo. Devido à exposição a essas várias narrativas, o indivíduo pode chegar a um estado de insegurança ontológica em que “o indivíduo não consegue justificar suas ações; não sabe porque as faz, e, mesmo quando sabe, não consegue reconhecer nisso um sentido, uma coerência” (BENDASSOLLI, 2007, p. 265).

Os *ethos* de Bendassoli (2007) serviram como categorias teóricas de análise que viabilizaram o olhar sobre o fenômeno trabalho/identidade para integrantes do Movimento *Hip Hop*. A seguir, os procedimentos metodológicos.

#### **4. Procedimentos metodológicos**

Este artigo orienta-se pela abordagem qualitativa de pesquisa. Adotou a história oral como método, cujo pressuposto é entender a vida de um indivíduo como uma forma de observar sua realidade, pois de acordo com Goldenberg (2000, p. 36) “cada indivíduo é uma síntese individualizada e ativa de uma sociedade”.

Foram investigados dois informantes-chave da Rede de Resistência Solidária: Galo, integrante do Coletivo Êxito de Rua; e Pixote, integrante do Coletivo Nova Geração. Os informantes-chave compõem o tipo de pesquisado que possuem características distintivas ou que muito se aproximam ou que se distanciam do informante típico (ALVES-MAZZOTTI; GEWANDSZNAJDER, 2002).

A análise dos dados se deu através da análise de conteúdo com o objetivo de fazer inferências acerca das narrativas dos pesquisados. A produção de inferências em análise de conteúdo “tem um significado bastante explícito e pressupõe a comparação dos dados, obtidos mediante discursos e símbolos, com os pressupostos teóricos de diferentes concepções de mundo, de indivíduo e de sociedade” (FRANCO, 2007, p. 31).

Nesta pesquisa, a análise dos dados conduziu a uma identificação de padrões recorrentes, na forma de categorias, e temas (MERRIAM, 1998). Assim, os dados obtidos na história oral foram comparados, através do método de emparelhamento, com os *ethos* desenvolvidos por Bendassolli (2007) sobre o sentido do trabalho na sociedade contemporânea que apontaram para os resultados apresentados a seguir.

## **5. Análise dos dados**

### **5.1 Galo: história de vida, perspectiva voluntária e contexto social**

Galo enfrentou desde cedo as dificuldades de uma família pobre. Na infância, morou perto do CEASA, numa “ruazinha de barro ali que se chama Estrada do Curado”, um bairro marginal na Região Metropolitana do Recife. Hoje, com 31 anos, sem nunca ter trabalhado com carteira assinada, ele descreve a sua casa trazendo elementos de simplicidade e contextualizando sua vida naquela época:

Quando eu era pequenininho, a minha casa era uma parte de madeira, uma parte de remendo de outras coisas. Mas pra mim isso nunca foi problema. Eu vivia ali, não sabia o que era o mundo. Não sabia o que era vaidade, não sabia o que era produto doméstico, utensílio doméstico. Na época nem existia isso. Não tinha televisão na minha casa, não tinha nada dessas coisas. Isso só foi chegar na minha vida quando eu já tinha quase 10 anos.

Iniciou-se na pichação ainda criança, por volta dos oito anos de idade. Pichava escondido, pois desde cedo ele sabia que a pichação exige o anonimato já que é considerada uma atividade que incomoda pelos riscos de tinta e pela depredação que causa nas paredes: “naquela época não podia andar com spray. Andava com spray com um papel, enrolado, escondido. Escondia spray num terreno, não podia levar o spray pra minha casa”. Essa passagem revela também que na sua casa a pichação também era repugnada, pois que ele não podia deixar o material em casa. Portanto, sua família não o compreendia, o que refletiu no seu posicionamento atualmente: “Eu não me junto muito com a minha família porque eu cresci, a adolescência toda, ouvindo meus tios falar mal de mim. Hoje em dia eles dão valor ao meu trabalho [...]”. Galo também passou parte da infância em outro bairro da Região Metropolitana do Recife, Piedade:

Em Piedade foi onde eu cresci assim. Eu morava numa casa pequenininha que era do lado de um sítio. Um sítio meio abandonado, então eu vivia nesse sítio, pegando fruta, brincando. (...) Só parei de brincar praticamente por causa da pichação e ainda brincava na época que eu comecei a pichar. Colocava tinta dentro de um desodorante e ia pichar a parede. (...) sempre fui muito uma pessoa meio Bob, meio Fantástico Mundo de Bob. Sempre brinquei muito com a minha imaginação, sempre me dediquei muito, sempre fui muito inocente. (...) Eu sempre fui muito assim...cresci com essa imagem assim...tanto que eu passo isso pra meus desenhos.

Pode-se perceber no trecho acima que Galo, desde criança, teve um encantamento pela arte, iniciando pela pichação. Observe-se que a passagem abaixo também confirma que a arte sempre esteve presente na sua vida:

Na escola eu não sabia escrever direito e fazia as letrinhas todas tortas da minha pichação. Eu comecei a pichar e não conseguia parar de pichar. Eu fui crescendo e foi virando um costume, foi fazendo parte da minha vida pichar, observar os muros.

Na adolescência a pichação continuou presente, materializando-se e aperfeiçoando-se posteriormente com o grafite. Certamente o amor à arte e ao grafite foram elementos determinantes das escolhas do entrevistado por trabalhar com a cultura.

Em relação à escola, Galo estudou somente até o primeiro ano do ensino médio e provavelmente por causa das dificuldades de uma família pobre, começou a trabalhar quando ainda era criança vendendo jornal por conta própria. Mais tarde, trabalhou em uma farmácia entregando remédios de bicicleta: “Eu comecei a trabalhar lá panfletando e aí depois um cara da farmácia entrou de férias e eu entrei no lugar dele pra entregar de bicicleta. Pra mim foi a melhor coisa do mundo.” Percebe-se nesta passagem a associação entre trabalho e prazer. Galo gostava de aventurar-se durante o trabalho. Nota-se menos entusiasmo quando ele descreve o trabalho em uma organização formal: “Trabalhei numa época...passei uns três meses trabalhando numa oficina de refrigeração”. A intenção é evidenciar que Galo associa o trabalho ao prazer, condição imprescindível para sua realização e não percebido por ele nas atividades no trabalho formal. O entrevistado associa sua independência quando começa a trabalhar com sua arte:

Em 96 eu comecei a me dedicar mais ao grafite, comecei a pintar umas camisas, fazer coisas no papel. Em 97 eu tava lá no campeonato de *surf* vendendo camisa. lá em Maracáipe. Foi um ano que marcou a minha independência, digamos assim, porque eu comecei a viver do que eu fazia: vender camisas, pintar camisas pra loja de skate, camisa de rock, camisa de banda e comecei a tirar uns trocados com isso.

Galo conheceu outros pichadores, freqüentou bailes *funk*, conheceu gangues e entrou em vários grupos envolvidos com *Hip Hop* antes de criar o Coletivo Êxito de Rua, que nasceu em 2000 e encontrou no *rap* uma forma de se expressar. Também foi o

idealizador da Rede de Resistência Solidária, que nasceu em 2005. Ministrou oficinas de grafite em várias ONGs durante anos. Posteriormente deixou de dar oficinas, pois, na sua concepção, “tava virando só um professor, tava deixando de tá na rua pintando também [...] e estava preso às ONGs também”. Foi através da vivência com o Hip Hop que Galo compreendeu que sua vida poderia ser diferente:

Essa coisa do *rap*, essa coisa do *Hip Hop* que eu comecei a entender foi deixar um lugar assim no mundo pra mim também. Não que eu não tivesse um lugar, não que eu não pudesse continuar pichando, só que eu precisava de alguma coisa que eu não precisasse ficar escondido, que eu pudesse crescer com isso.

Atualmente, o trabalho de Galo se resume ao grafite e ao Coletivo Êxito de Rua que tem um estúdio caseiro, mas outras ações caminham em paralelo: oficinas, shows e mutirões organizados pela Rede. Sobre seu trabalho, afirma que é algo para a vida toda: “Não é uma coisa que eu vou fazer e daqui a um ano subir no pódio assim. É a minha vida que eu tô (*sic*) fazendo”. Há, portanto, indistinção entre trabalho e vida. Pode-se ver nessa passagem que o trabalho é algo que se confunde e se constrói concomitantemente com a vida do entrevistado. É notável que Galo não tem pressa em desenvolver seu trabalho, pois parece não ter por objetivo conquistar uma posição no mercado formal.

Ele reconhece que o trabalho formal não é o que ele deseja, porque possui traços que ele não quer para si. Contudo, fala da dificuldade de acesso ao mesmo. Assim, a sua opção pela atividade, principalmente de grafiteagem, ora aparece como propósito de vida, ora como resignação a sua dificuldade de mobilidade social, conforme mostra seu depoimento a seguir: “Muitas poucas vagas de trabalho, o mercado é muito pequeno, o mercado é muito fechado, muito competitivo, muito desleal, injusto [...]”.

Entretanto, parte do próprio Galo a opção de dizer que há um trabalho alternativo: “Mas opções são criadas e vão acontecendo porque existe espaço pra isso. Apesar de tudo que existe no mundo, as coisas que tem embasamento, que tem profundidade vão crescendo.” É importante ressaltar que essas afirmativas não são suficientes pra entender se Galo escolheu o trabalho social por opção pessoal ou por determinação do seu contexto de vida. Em várias passagens, o entrevistado deixa claro que o trabalho que realiza para empresas não lhe traz satisfação suficiente. Ele chama esse tipo de trabalho de “trabalho comercial”. Isso revela o sucumbir-se às exigências do mercado de trabalho como forma de sobrevivência. Entretanto, ele não parece ter o mesmo orgulho desse trabalho como tem dos que são realizados na rua, sem receber dinheiro, como podemos ver neste exemplo, onde ele foi chamado para pintar uma logomarca numa loja de *surf*:

Eu corro de trabalho assim. Várias pessoas me chamam aí eu digo: ta bom, vou fazer. Mas passa duas semanas assim e eu esqueço aquele trabalho às vezes e não vou mais. Mas é uma coisa que vale a pena fazer porque eu vou conhecendo e tal. Mas eu não tenho fé nisso, fé no sentido que...é um trabalho que ...o trabalho na rua, eu tenho mais fé naquele trabalho.

Portanto, por vezes, evidencia-se que a escolha por esse trabalho é questão de opção pessoal, sendo muito mais permeada por uma perspectiva voluntarista do que resultante de um contexto social. Em outros trechos, é possível perceber que o entrevistado não se imagina fazendo parte do mercado formal ou levando um currículo para procurar um emprego. Mesmo quando ele coloca como hipótese futura a necessidade de um trabalho formal, afirma que se submeteria ao mesmo, mas colocando o filho como justificativa para o sacrifício pessoal: “[...] Se for pra meu filho, eu vou fazer qualquer coisa. Agora graças a Deus, não preciso. Eu sempre fui um vagabundo promissor”. A condição de “vagabundo promissor” é a alternativa que ele encontra para enfrentar a necessidade. A expressão mostra ou resistência à procura do mercado formal de trabalho e/ou a estigma que carrega pela sua condição social.

No que se refere ao dinheiro, foi possível perceber que é algo exterior ao seu trabalho, o que não quer dizer que não tenha importância. Suas falas expressam esta condição:

[...] Isso não tem dinheiro que pague. Se eu morrer hoje, eu acho que a minha missão ta feita. Estou fazendo o que eu preciso fazer. Tem pessoas que precisam ser pagas pra fazer alguma coisa. Eu preciso fazer o que eu preciso fazer. Se eu não fazer o que eu preciso fazer, eu acho que pra mim é mais problema do que eu fazer alguma coisa que alguém pagou pra fazer.

Os trechos acima apresentam uma idéia clara no discurso de Galo: o seu trabalho, sua arte, está em primeiro lugar na sua vida. Ele afirma que só consegue trabalhar quando alguém gosta da sua arte. É possível compreender que o “trabalhar” que ele fala está associado ao fato de receber uma remuneração pela atividade.

De toda forma, sua entrevista deixa transparecer seu desejo de que seu trabalho faça a diferença e contribua de alguma forma com a comunidade, colocando este objetivo acima do próprio retorno financeiro:

Eu quero lutar pra minha arte existir. Eu nunca vendi tela, eu não consigo vender meu trabalho. Sou muito ruim de vender. Eu não quero fazer tela, eu quero fazer parede. Eu quero muito mais fazer parede do que tela. (...). Não consigo me satisfazer numa tela como eu consigo me satisfazer numa parede. (...) Eu quero pintar essas paredes que estão sujas na cidade. Eu quero que minha arte seja pública, que seja numa parede que todo mundo passe e veja e que ela contribua pra história da

minha cidade, do meu país e do mundo também. Eu quero salvar o mundo com a minha arte.

Sobre seu sustento explica que ter dinheiro é necessário, mas que ele tenta não se preocupar com isso: “tenho tanta coisa pra fazer que eu prefiro esperar um dia após o outro do que me aterrorizar com o que vai vir muito lá na frente”. Perguntou-se no final da entrevista qual o significado de seu trabalho e como ele o definia. Sua resposta:

Na real mesmo, às vezes eu sei o que é, às vezes eu não sei. Eu queria fazer um trabalho pra ajudar [...] pra mudar. Eu não quero fazer um trabalho só por fazer um trabalho. Não me interessa em pintar só pra ganhar um trocado. [...] Eu quero que meu trabalho faça alguma diferença.

Esta fala mostra que há uma relativa confusão na sua forma de entender o trabalho, pois que ele realiza uma mesma atividade ora sendo remunerada, ora não sendo, como no caso de uma pintura em um muro da cidade. Percebe-se que o entrevistado não consegue definir claramente seu trabalho, pois apesar de ser uma forma alternativa ao trabalho realizado no mercado formal, não consegue “ser livre” da relação com o mesmo, uma vez que ele continua precisando ganhar dinheiro para o sustento.

## **5.2 Pixote: história de vida, perspectiva voluntária e contexto social**

Pixote nasceu e vive na comunidade da Várzea, bairro da periferia do Recife. Tinha por volta dos doze anos quando conheceu a pichação e aos dezesseis teve contato com a pichação de rua.

Na adolescência eu conheci a pichação, acho que com 12 anos, 13 anos. Mas era aquela pichação dentro da comunidade, que a gente pichava só as paredes dos vizinhos com lápis cera, mas incomodava muito os vizinhos. Um tempo depois, quando eu tinha por volta dos 16, 17 anos, foi que realmente eu vim conhecer a pichação de rua. Digamos que saí da comunidade, comecei a andar com alguns pichadores (...).

Ele chegou a se envolver com o que considera “crimes leves” na sua adolescência, mas nunca foi preso. Considera que essa experiência foi um dos motivos que também influenciaram sua escolha pelo trabalho social. Saiu da pichação quando conheceu sua atual esposa, pois “tinha que sustentar minha família, eu tinha que trabalhar. Eu era o homem da família, muito novo, mas era o homem.” Seu primeiro filho nasceu quando ele tinha 17 anos. Atualmente tem 29 anos.

Outro motivo que também contribuiu para que Pixote parasse de pichar foi uma conversa que teve com o diretor de uma das escolas que ele depredava:

Eu pichava a escola, eu sujava, quebrava a banca. [...] Aí o diretor, não sei se ele quis se render ou se ele quis me ajudar. [...] ele queria realmente me ajudar a sair daquela história. [...] Porque ele chegou perto

de mim e perguntou como eu queria pintar a escola. Aí eu disse que queria fazer grafite, mas não sabia nem desenhar. Na verdade nessa época eu não sabia nem desenhar meu nome, pode parecer mentira. [...] Por causa dessa atitude do diretor, desse diretor, eu convidei esses meus amigos que faziam grafite pra vir pintar comigo, mas na verdade eles vinham pintar e eu ia prestar atenção.

Pixote conheceu o grafite somente depois de casado, através de Galo e Bonny, grafiteiros da comunidade da Várzea na época. Paralelo a isso, ingressou no mercado de trabalho formal, exercendo a função de zelador de um condomínio durante mais de um ano e posteriormente funcionário em uma empresa de confecções onde pintava camisas. Sobre suas experiências de trabalho anteriores ao trabalho com o grafite, as considera um trabalho forçado, feito para se manter, para manter sua família: “Agora esses outros trabalhos, sinceramente, pra mim, era trabalho forçado porque era um trabalho que eu estava trabalhando simplesmente pra me manter”. É possível perceber o “dever trabalhar”, no depoimento de Pixote, fazendo parte de uma metanarrativa influenciada por elementos da fé cristã no mundo ocidental, notadamente pela ética protestante, que associava o dever de trabalhar à salvação. Esta e outras influências compõem o *ethos* moral-disciplinar que considera o trabalho como uma atividade pública, que deve ser realizada independente de trazer prazer ou não (BENDASSOLLI, 2007).

Suas experiências no mercado de trabalho formal foram frustradas. Sobre seu último emprego, na empresa de confecções, relata:

O dono era muito ignorante, não tratava ninguém bem, nem a própria esposa que trabalhava lá. Por uma mal entendido, na verdade, rescindiram meu contrato lá e aí eu comecei a pensar, mesmo correndo atrás de outros empregos formais, eu comecei a pensar em algo que eu pudesse trabalhar e não precisasse depender de ninguém ou ta recebendo reclamação de ninguém. Foi quando eu conheci a história do grafite, passei a pintar camisa com meu conhecimento, eu já tinha feito o curso (de serigrafia) e fui pra essa empresa, que aperfeiçoou meu conhecimento.

Mesmo antes de começar a trabalhar por conta própria, Pixote tentou ingressar novamente no mercado de trabalho: “eu comecei a procurar outras empresas e vi que não era assim tão fácil.” Percebe-se que suas escolhas são, na maioria das vezes, mais resultantes das influências do contexto social onde se encontra do que primeiramente opção pessoal. Por que não conseguiu emprego, resolveu trabalhar pintando camisas. Com ajuda da sogra, que lhe cedeu um quarto na sua casa, ele iniciou seu próprio trabalho.

Eu dependia de mim, da minha correria, do meu trabalho. Mas tinha um lado negativo pra mim, eu trabalhava...eu acordava pra pintar e dormia pra pintar. Eu passava o dia todo pintando e ficava até de madrugada. Eu só parava mesmo quando não agüentava.

Embora este trabalho fosse realizado por meio da sua arte e houvesse a remuneração, Pixote não se sentiu satisfeito. A lógica de produção em massa, com o objetivo de produzir sempre mais, sugava suas forças. Este sentimento de Pixote pode ser associado à idéia do *Indivíduo Você S.a.*, do *ethos* gerencialista, no qual o trabalho, o sucesso e o fracasso dependem apenas do indivíduo (BENDASSOLLI, 2007).

Foi quando em 2002, uma professora perguntou se ele já havia trabalhado ministrando aulas de grafite: “E aí ela me iniciou, mandou eu falar com o responsável lá e aí eu passei a trabalhar com aquilo.” Essa frase mostra que apesar dele gostar de grafitar, ele se envolveu com o trabalho social aproveitando as oportunidades que surgiram no caminho e mais uma vez alinhando um desejo a uma oportunidade:

Foi quando eu botei na minha cabeça, foi quando, na verdade, eu vi que era possível trabalhar com o que gosta. Porque lá eu era um estagiário, mas eu estava sendo pago para trabalhar com o grafite, pra ensinar o grafite aos meninos. Algo que eu já sabia fazer na verdade. E aí eu vi que era possível você se auto-sustentar com o que gostava. E eu ainda estava sendo pago, digamos pra aprender porque pra eu ensinar eu tinha que aprender.

Percebe-se no trecho acima que Pixote não tinha segurança se ele conseguiria trabalhar com o que gostava. Talvez por isso sempre buscou antes o trabalho formal. Apenas com a primeira experiência, ele acreditou ser possível trabalhar com arte-educação. É importante refletir se essa dúvida dele é um indício que revela se sozinho ele teria se dedicado ao trabalho social. Independente disso, hoje ele reconhece suas atividades e seu trabalho como algo prazeroso. Por vezes dar a entender que depois de sua experiência, de ver que é possível se auto-sustentar com o trabalho social, ele não mais teria coragem de buscar novamente o “trabalho forçado”: “A melhor maneira de você ganhar o dinheiro da sua sobrevivência é tentar trabalhar com aquilo que gosta. [...] Tem gente que tenta, mas não consegue e desiste.”

Trabalhou em várias ONGs com carteira assinada. Sobre seu último trabalho em ONG revela:

Era muito triste pra mim, nessa Ong, eu ver as pessoas que ralavam muito, não receber nada. Recebiam algumas besteiras, de doação tal. Eles se dedicavam tanto, mas não tinha nenhum tipo de dinheiro pra reconhecer o seu trabalho. Terminavam que se afastavam do trabalho social porque tinha que se auto-sustentar através de outros trabalhos.

Junto com a Rede de Resistência Solidária, realizou trabalho em diversas comunidades e também teve a idéia de criar o Coletivo Nova Geração, já em 2007: “O Nova Geração foi pensado para ser um estúdio de grafiteiros, mas depois a gente conheceu a música caseira através do Coletivo Êxito de Rua [...]”. Pixote acabou se afastando de

algumas ações da Rede pra se dedicar à própria comunidade. Salieta que “a gente ainda é a Rede, mas é porque a demanda fica tão grande que cada um também tem que fazer a sua própria correria”. Atualmente, ele trabalha com oficinas de arte-educação, com pintura e no estúdio do Coletivo Nova Geração. Desde 1999 ele se mantém com esses trabalhos.

Sobre as atividades que desenvolve no seu estúdio e sobre sua forma de trabalho, é interessante enfatizar uma lógica diferente de trabalho. O objetivo não é o lucro, como acontece hoje para o empresário. É um objetivo diferente: o de dar acesso à maioria. Isso já caracteriza uma prática alternativa ao que é divulgado na lógica do *mainstream*. Abaixo, ele resume a lógica desse trabalho alternativo.

Hoje em dia o Barraco Estúdio trabalha com música e vídeos, produção de áudio e vídeo. A gente faz cobertura de eventos, a gente faz cobertura de aniversários. Esse tipo de trabalho é a nossa sustentabilidade. Assim, infelizmente não temos como fugir do capitalismo, precisamos de dinheiro pra sobreviver. A gente não pensa em ser rico, não pensamos em esbanjar o dinheiro, mas a gente quer o necessário pra poder sobreviver, pelo menos, com dignidade. Por isso que a gente tenta trabalhar nessa linha independente também, porque a gente trabalha com o que gosta e não pelo que é forçado. [...] Nosso trabalho, a gente visa a fazer como acessibilidade, acessibilidade à comunicação, acessibilidade à cultura, porque a gente pretende vender a preços muito baixos. Coisa que ninguém faz. Digamos que enquanto a galera aí, vende por R\$ 10,00, R\$ 15 um CD ou um DVD, a gente vai ta vendendo por quatro ou por três. A gente pretende mesmo dar o acesso.

Considera que o dinheiro que recebe pelos seus trabalhos é um dinheiro fácil: “Todo trabalho que é prazeroso, que é porque você gosta, ele se torna um dinheiro fácil [...]”. Também fala dos planejamentos em relação ao dinheiro, pois nem sempre é garantia que ele irá tê-lo no próximo mês. Uma alternativa pra esses meses difíceis é o que ele chama, assim como Galo, de “trabalho comercial”.

Eu vi que a melhor coisa não é a correria pelo dinheiro, mas sim por aquilo que você ama fazer [...] E por que eu vou ta me matando pelo dinheiro? Com certeza, eu vou ta correndo atrás dele [...] mas não que ele seja o meu objetivo. O meu objetivo é realmente atingir, digamos que a minha felicidade e a minha felicidade é tentar pelo menos transformar a juventude, tentar trazer novas possibilidades.

Em outros momentos, Pixote mostra as dificuldades enfrentadas por quem realiza um trabalho alternativo:

Sinceramente eu sou muito otimista, sou muito otimista. Me angustia porque, não por mim, mas porque tem outras pessoas dependendo de mim, desse dinheiro. Muitas vezes eu posso não demonstrar, mas muitas vezes eu fico apertado, aguniado. Às vezes eu brigo com minha esposa em casa porque ela diz que eu não me importo e tal, mas não é verdade. Eu realmente fico pensando no que é que vou fazer pra garantir o dinheiro daquele mês.

A entrevista com Pixote termina com sua compreensão sobre o mercado de trabalho formal: “O que é um grande escravizador? Escravizador é o empresário que ganha muito em cima de trabalho escravo dos outros”. Para o entrevistado, este é um tipo de vida que ele não quer para si, daí sua opção de trabalho ser “o caminho da livre escolha [...] você poder escolher de onde você vai tirar o seu dia-a-dia, você escolher o que você quer fazer, você escolher pra onde quer ir.”

## 6. Considerações Finais

O emparelhamento dos *ethos* desenvolvidos por Bendassolli (2007) com as histórias orais dos entrevistados possibilitou associar as narrativas identitárias e os trechos de seus depoimentos a respeito de sua vida e seu trabalho, como mostra a figura:

<b>Ethos</b>	<b>Galo</b>	<b>Pixote</b>
<i>ethos</i> moral-disciplinar	Seu trabalho é associado ao prazer, diferentemente do que é pregado nesse ethos. Galo não se imagina realizando outro trabalho.	Considera o prazer necessário, pois é preciso ter amor para trabalhar com arte. Assim, contraria as idéias desse ethos.
<i>ethos</i> romântico-expressivo	Dedica-se a sua arte e seu dom, vistos como uma maneira de se realizar. Não coloca o dinheiro como causa primeira. Trabalha com o que ama fazer. “É a minha vida que eu tô [sic] fazendo.”	O trabalho com a arte é visto como causa primeira e necessária para atingir a felicidade: “O meu objetivo é realmente atingir [...] a minha felicidade.”
<i>ethos</i> instrumental	Nunca trabalhou de carteira assinada e não se ver procurando emprego para ter que dar sentido ao seu trabalho. O trabalho que realiza para organizações formais é antes por necessidade de obter dinheiro, mas não abandona a arte.	Teve vários empregos com carteira assinada, mesmo quando trabalhou em ONGs. Mas, não trabalhar com arte é visto como trabalhar forçado.
<i>ethos</i> consumista	O objetivo do seu trabalho não é primeiro obter acesso ao consumo. “Sempre andei sujo de tinta e maltrapilho.”	Apesar de considerar o dinheiro importante, não demonstra o perfil do consumista desse <i>ethos</i> .
<i>ethos</i> gerencialista	Não apresentam nas suas narrativas os discursos difundidos pelo <i>management</i> , nem a preocupação com um projeto profissional de construir carreira como se vê no mundo dos negócios.	

**Figura 1 –Pressupostos Teóricos x Narrativas identitárias de Galo e Pixote**

Fonte: Baseado em BENDASSOLLI (2007).

Então, foi possível perceber que ambos resistem às narrativas do *ethos* instrumental, consumista e gerencialista. Apesar de encararem seus trabalhos com responsabilidade, ambos o associam ao prazer. Com isso, pode-se perceber que o *ethos*

moral-disciplinar também não está na base de suas narrativas. Assim, os indivíduos estudados baseiam suas narrativas no *ethos* romântico-expressivo. Para Galo, o trabalho é algo que se constrói com sua própria vida, que tem por objetivo mais mudar o mundo do que receber apenas gratificações. Já para Pixote, o trabalho que realiza é independente, ou seja, não é o “trabalho forçado”, realizado somente para se manter. Todavia, não se pode excluir que estes *ethos* são construções sociais e que, portanto, não podem ser entendidos isolando-se os valores e ideais inerentes às metanarrativas. Portanto, a forma como é compreendido o trabalho das e pelas pessoas é influenciada por uma ideologia hegemônica.

De uma forma geral, foi possível observar que o trabalho realizado no movimento social está imerso em uma dimensão cujas bases assentam-se no prazer, no lazer e na indistinção entre trabalho e vida. Ao mesmo tempo, as condições socioeconômicas dos pesquisados caracterizam um contexto de vida de exclusão social, também influenciador de suas escolhas. Portanto, as narrativas destes membros do Movimento *Hip Hop* serviram para anunciar que o trabalho que realizam também se distingue daquele próprio do modelo econômico, ainda que seja precipitado precisar se mais por escolha ou mais por consequência do mesmo. Por vezes, dá a entender que a escolha do trabalho para Galo é mais por opção pessoal do que influências do contexto. Já Pixote, parece ter se direcionado para esse trabalho mais pelas oportunidades que surgiram ao longo da sua vida do que por exclusivamente opção pessoal.

O interesse em compreender a dimensão do trabalho para indivíduos de um movimento social surgiu como forma de explorar outras possibilidades de dar sentido ao trabalho além da difundida pela lógica do *mainstream*. Outras atividades, além do mercado de trabalho formal, podem garantir o sustento de indivíduos, como Galo e Pixote e, ao mesmo tempo, podem representar resistência ao processo de mercantilização.

Por outro lado, não se pode obscurecer que o trabalho realizado por estes indivíduos, no âmbito de um movimento social, pode ser caracterizado, de acordo com alguns autores, como trabalho precarizado, na medida em que não possuem contrato de trabalho e seus direitos assegurados na relação trabalhista (ORGANISTA, 2006, p. 21). Assim, esta é uma “acomodação” útil ao capital, pois fomenta o envolvimento da mão-de-obra marginal em atividades informais, compondo o que Gorz (1982) denominou de “não-classe-de-não-trabalhadores”.

Assim sendo, este artigo finaliza com a provocação para que outras pesquisas sejam realizadas com indivíduos que atuem em organizações fundamentadas em lógicas diversas

às das empresas, visando o anunciar de outras possibilidades de trabalho e vida e, principalmente, questionar as causas que determinam o trabalho das pessoas nos movimentos sociais.

## **7. Referências**

ALBORNOZ, Suzana. **O que é trabalho**. São Paulo: Brasiliense, 2008.

ALVES-MAZZOTTI, Alda Juidy; GEWANDSZNAJDER, Fernando. **O método nas ciências naturais e sociais: pesquisa quantitativa e qualitativa**. 2 ed. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2002.

ANTUNES, Ricardo. **Os sentidos do trabalho: ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho**. 6ª reimp. São Paulo-SP: Boitempo editorial, 2003.

BARRETO, Sílvia Gonçalves Paes. **Hip-Hop na região metropolitana do Recife: identificação, expressão cultural e visibilidade**. 2004. 188f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade Federal de Pernambuco. Recife: O Autor, 2004.

BENDASSOLLI, Pedro Fernando. **Trabalho e identidade em tempos sombrios: insegurança ontológica na experiência atual com o trabalho**. Aparecida: Idéias & Letras, 2007.

FRANCO, Maria Laura P. B. **Análise de Conteúdo**. 2 ed. Brasília: Liber Livro Editora, 2007.

GOLDENBERG, M. **A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais**. Rio de Janeiro: Record, 2000.

GORZ, André. **Adeus ao proletariado: para além do socialismo**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

GUIMARÃES, Rodrigo Gameiro. **No campo das Políticas Públicas Culturais, os caranguejos com cérebro se organizam para desorganizar**. 2007. 210f. Dissertação (Mestrado em Administração) – Universidade Federal de Pernambuco. Recife: O Autor, 2007.

OLIVEIRA, Carlos Roberto. **História do Trabalho**. Série Princípios. Editora Ática, São Paulo, 1991.

ORGANISTA, José Henrique Carvalho. **O Debate sobre a centralidade do trabalho**. São Paulo: Editora Expressão Popular, 2006.

PAGÉS, Max; BONETTI, Michel; GAULEJAC, Vincent de; DESCENDRE, Daniel. **O poder das organizações**. São Paulo: Atlas, 1993.

- MARTINS, Rosana. **Hip Hop: o estilo que ninguém segura**. Santo André: Prima Línea ESETec, 2005.
- MARX, Karl. **Formações Econômicas Pré-capitalistas**. 7 ed. São Paulo: Paz e terra, 2006.
- MERRIAM, Sharan B. **Qualitative research and case study applications in education**. San Francisco: Jossey-Bass, 1998.
- QUEIROZ, Amarino; SILVA, Claudilene (org). **Recife Nação Africana: maracatu nação, capoeira, samba, afoxé, reggae e hip-hop**. Recife: Catálogo da Cultura Afro-brasileira, 2008.
- SOUZA, Galo de; SENA, Carol. Mutirão de graffiti. **Revista Salve S/A**, Recife, ano 01, edição 01.09, p. 14-17, 2010.
- TONETO, Bernadete; LEMOS, Jaqueline; CARRARO, Renata. **Firmeza aí, mano?** Disponível em: <<http://immgazine.sapo.pt/hiphoppt/texto.html>>. Acesso em: 31 mar 2009.